
Estruturas com *ter* e *haver* em *Historia da prouincia Sãcta Cruz, de Pero de Magalhães Gândavo*

Solange Mendes Oliveira

Doutora em Linguística - Universidade Federal de Santa Catarina

Docente do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas - Universidade Tuiuti do Paraná

Resumo

Neste estudo, descrevem-se e analisam-se os empregos qualitativo e quantitativo das formas verbais *ter* e *haver* no texto escrito em 1576 pelo historiador, gramático e cronista português Pero de Magalhães Gândavo, autor da primeira história do Brasil, a *História da Província de Santa Cruz*, com o objetivo de verificar se em um gênero textual que espelha a norma padrão vigente no século XVI, como o texto em questão, há variação no emprego dos verbos *ter* e *haver*. Para isso, focaliza-se o aspecto sintático-semântico dessas formas nas estruturas em que *ter* e *haver* atuam como verbos plenos, como verbos existenciais/funcionais, como verbos-suporte e como verbos auxiliares, como, também, procuram-se mapear os contextos que contribuíram para a alternância dessas formas. Com a descrição e a análise dos dados coletados, pretendem-se ampliar as informações sobre as inter-relações sintático-semânticas entre *ter* e *haver* no século XVI, aspectos ainda pouco explorados nos estudos sobre o português quinhentista, como, também, ampliar as informações sobre a mudança linguística diacrônica ocorrida na língua portuguesa, especificamente, quanto à gramaticalização desses verbos em sua variante culta.

Palavras-chave: verbos *ter* e *haver*, mudança linguística, gramaticalização.

Abstract

In the present study, we describe and analyse the qualitative and quantitative use of the verbal forms *have* and *there to be* in the text written in 1576 by the Portuguese historian, grammarian and chronicle writer Pero de Magalhães Gândavo, author of the first history of Brazil, the History of the Province of Santa Cruz, in order to verify if in a textual genre that shows the standard norm in effect in the 16th century, as the text in question, there is a variety in the use of the verbs *have* and *there to be*. For this purpose, we focus on the syntactic-semantic aspect of these forms in the structures in which *have* and *there to be* act as full verbs, as existential/functional verbs, as “verbos-suporte” and as auxiliary verbs, as well as, we try to map the contexts that contributed for the alternation of these forms. With the description and analysis of the collected data, we intend to extend the information about the syntactic-semantic inter-relations between *have* and *there to be* in the 16th century, aspects that are still not so well explored in the studies on the Portuguese language of the 16th century, as well as to extend the information about the diachronic linguistic change that occurred in the Portuguese language, specifically concerning the grammaticalization of these verbs in their cult variant.

Keywords: verbs *have* and *there to be*, linguistic change, grammaticalization.

1 Introdução

As pesquisas diacrônicas sobre a evolução histórica dos verbos *ter* e *haver* revelam que essas formas passaram por um processo de gramaticalização ao longo da história da língua portuguesa, pois de verbos plenos, com sentido de posse, passaram a verbos auxiliares, atuando como meros suportes de flexão.

Assim, nesta pesquisa, pretendem-se descrever e analisar os empregos qualitativo e quantitativo das formas verbais *ter* e *haver* no livro *História da Província de Santa Cruz*, escrito em 1576 por Pero de Magalhães Gândavo, com o objetivo de verificar se em um gênero textual que espelha a norma padrão vigente no século XVI, como o documento em questão, há variação no uso dos verbos *ter* e *haver* nas estruturas existenciais, possessivas e perifrásticas, como, também, procuram-se mapear os contextos que contribuíram para a alternância dessas formas.

O estudo está dividido da seguinte forma: na seção a seguir, apresenta-se, resumidamente, a evolução

histórica dos verbos *ter* e *haver* durante o período arcaico. Na seção seguinte, expõe-se, de forma sucinta, o contexto histórico e cultural no qual o autor e sua obra se inserem. Em seguida, apresentam-se o levantamento, a descrição e a análise das ocorrências de *ter* e *haver* no documento *História da Província de Santa Cruz*, com o intuito de mapear os contextos em que esses verbos atuam. Esta seção traz também a metodologia de classificação dos dados, esclarecendo como foram selecionadas sintaticamente as sentenças e com exemplos retirados do texto-fonte. Por fim, apresentam-se as considerações finais com base nos dados obtidos.

Com esta pesquisa, pretendem-se ampliar as informações sobre as inter-relações sintático-semânticas entre *ter* e *haver* na história do português, colaborando, assim, para a descrição da mudança linguística diacrônica ocorrida na língua portuguesa em sua variante culta, especificamente, quanto à gramaticalização dos verbos *ter* e *haver* no século XVI, época que ainda não foi sistematicamente estudada.

2 A evolução histórica de *ter* e *haver*

Estudos diacrônicos sobre a evolução histórica das formas verbais *ter* e *haver*, como os de Mattos e

Silva (1996, 2002), revelam que o processo de perda dos campos de atuação do verbo *haver* já vem se desenrolando desde o português arcaico, quando *haver* começa a deixar de atuar como verbo de posse e adquire uma interpretação de verbo existencial, passando depois a exercer o papel de um verbo funcional ou auxiliar. Os estudos de Ribeiro (1996) igualmente apontam que no português arcaico *haver* já atua como um auxiliar funcional em construções de posse e atua como verbo auxiliar tanto nas formas perifrásticas como nas construções existenciais. *Ter*, por outro lado, é um verbo lexical semanticamente pleno nessa época e compete com *haver* como verbo auxiliar nas perífrases perfectivas e nas construções existenciais. Para Ribeiro, a perda gradativa desses campos de *haver* se deve ao fato de que, em geral, os verbos nas construções existenciais e de posse costumam ser os mesmos e se em uma língua há um só verbo auxiliar, este é usualmente idêntico ao verbo existencial.

As construções existenciais, também chamadas impessoais, caracterizam-se sintaticamente por não selecionarem sujeito. No português arcaico, essas construções eram realizadas por meio dos verbos existenciais *haver* e *ser* e também por meio do verbo *fazer*, formando sintagmas nominais que denotavam tempo ou fenômenos naturais. Nas construções indicativas de posse, o verbo *haver* (*aver*), no período arcaico,

comutava com *ter* (*teer*) nas estruturas indicativas de posse alienável, tendo como complemento um SN ou objeto direto, como “(*h*)*aver* remédio, bispado, casa”; “*teer* espada, arca, logares” (Mattos e Silva 2001, p. 79). Nesse período, primeiramente, *haver* e *ter* não estavam em variação livre nas estruturas de posse: (*h*)*aver* ocorria com complemento de qualquer valor semântico, como bens materiais adquiríveis, qualidades imateriais adquiríveis e qualidades intrínsecas ao sujeito. No início do século XV, *ter* já comutava com *haver* nas estruturas que exprimiam posse alienável ou bens materiais adquiríveis, e na segunda metade desse mesmo século, *ter* e *haver* estavam em variação livre, sendo que *ter* já era mais frequente que *haver*, vindo a substituir *haver* em todos os tipos de estruturas indicativas de posse ao longo da história da língua portuguesa (Mattos e Silva, 1996, 2001, 2002).

As estruturas compostas, sequências em que *ter* e *haver* atuam como auxiliares ao se associarem às formas nominais do particípio passado (PP), e as construções perifrásticas, sequências em que *ter* e *haver* também atuam como auxiliares ao se associarem às formas nominais de gerúndio (GER) e infinitivo (INF), “só se generalizam no português a partir do momento em que o PP deixa de ser flexionado, em concordância com o seu complemento direto” (Mattos e Silva 2001, p. 63-64), processo de gramaticalização que provavelmente

ocorre na primeira metade do século XV, como “*os serviços que avian feitos a seu padre, non ousaram d’entrar na camara por a defesa que el-rei tinha posta*” (Instituto Camões, 2001, p. 4).

Ao passarem de verbos semanticamente plenos a verbos auxiliares, *ter* e *haver* passam a atuar como meros suportes gramaticais das marcas de tempo, modo, aspecto, pessoa e número, ou seja, *ter* e *haver* passaram por um processo de gramaticalização ao longo da história da língua portuguesa. Esse processo caracteriza-se pelo fato de um verbo pleno desenvolver-se historicamente sofrendo uma perda significativa de seu conteúdo lexical, além de sofrer um esvaziamento semântico em que seus sentidos específicos se gramaticalizam em outros contextos (Grimshaw 1991). Ao sofrer o processo de esvaziamento semântico, os verbos predicativos transformam-se em elementos auxiliares ou funcionais.

No português brasileiro contemporâneo, a forma *haver* vem perdendo também sua posição como verbo auxiliar e seu sentido existencial está cada vez mais se restringindo a construções raras. Esses dois campos sintático-semânticos vêm sendo ocupados pelo verbo *ter*.

Feito esse esboço da trajetória dos verbos *ter* e *haver* no período arcaico, passemos à descrição e análise das ocorrências dessas duas formas verbais no

texto formal escrito por Pero de Magalhães Gândavo na segunda metade do século XVI, século que marca o início do período moderno da língua portuguesa. Antes da descrição e análise dos dados, expõe-se resumidamente o contexto histórico e cultural no qual autor e obra se inserem.

3 As ocorrências de *ter* e *haver* em *História da Província de Santa Cruz*

3.1 Século XVI: contexto histórico e cultural

Os estudos linguísticos no século XVI, na Europa, estavam voltados para o estabelecimento das línguas vulgares, em contraposição à hegemonia do latim. Nessa época, a língua portuguesa passa por grandes transformações, que resultam no enriquecimento de seu acervo lexical, no disciplinamento de suas estruturas e na sua expansão para fora do seu domínio continental.

As transformações por que passou a língua portuguesa nesse período estão ligadas à grande revolução social, econômica, artística e literária proporcionada pelo Renascimento. Ao lado da admiração pela antiguidade clássica greco-latina, que levou os escritores da Renascença à tradução, à imitação e à assimilação dos autores clássicos, Portugal abriu as

portas do mundo moderno com o descobrimento do caminho para as Índias, colocando, assim, o homem em contato com novos povos e novas línguas (Spina, 2008).

A Renascença foi um período de dignificação e valorização das línguas vulgares, pois remontam a esse período inúmeros trabalhos que declaram o propósito de “defender” e “ilustrar”, isto é, “caracterizar como ilustre, enobrecer” esta ou aquela língua românica. A Renascença viu também nascer a imprensa, que teria um papel importantíssimo na fixação das línguas em seus vários aspectos, a começar pela ortografia (Ilari, 2007, p.226-227).

Nesse novo enquadramento social, começam a surgir as reflexões sobre o português como metalinguagem sobre si mesmo e o conseqüente desencadeamento do processo de normatização da língua portuguesa, não só pelas exigências do texto impresso e do português como língua de ensino, mas também pela necessidade decorrente da expansão colonial. O desejo de disciplinar e aprimorar a língua portuguesa, numa tentativa de afeiçoá-la à mãe latina, e a normatização progressiva da língua vão caracterizar o período moderno da língua portuguesa. Surgem, assim, as primeiras gramáticas. Em 1536, Fernão de Oliveira publica a *Grammatica da Lingoagem Portuguesa*, em 1540, é publicada a *Grammatica da Língua Portuguesa*, de João de Barros, e em 1574, Pero de Magalhães Gândavo publica as *Regras que Ensinam a*

Maneira de Escrever a Ortografia Portuguesa com um Diálogo em Defesa de nossa Linguagem, obra que trata da ortografia e que vem a ser o primeiro cânone literário, na qual o autor seleciona um elenco de escritores e suas obras, consideradas por ele as mais significativas de então.

Pero de Magalhães Gândavo, humanista, historiador, gramático, cronista e ortógrafo, nasceu em Braga, Portugal, em data ignorada. Além de ser o autor do primeiro manual ortográfico da língua portuguesa, foi também o autor da primeira história do Brasil, a *História da Província de Santa Cruz que vulgarmente chamamos Brasil* (1576). Trabalhou como copista na Torre do Tombo, em Lisboa, na transcrição de documentos e, nomeado Provedor da Fazenda na Bahia, lá permaneceu por cinco anos, de 1565 a 1570. Nessa época, percorreu outras partes do Brasil e registrou em manuscritos as suas impressões sobre a nova terra, entre os quais estão o *Tratado da Província do Brasil*, o *Tratado da Terra do Brasil* e a *História da Província de Santa Cruz*.

O livro *História da Província de Santa Cruz* é dedicado “ao muito illustre Senhor Dom Lionis Pereira”. Escrito em estilo simples, pouco comum na época, “nam busquei epítetos exquisitos, nem outra fermosura de vocábulos de que os eloquentes Oradores costumão usar pera com artifício de palavras engrandecerem suas obras” (Gândavo, 1576, p.5), o documento é um louvor ao Brasil e uma espécie de propaganda de incentivo

à imigração, pois exalta o clima, as águas, as riquezas naturais e a fertilidade da terra, que tem abundância de açúcar, algodão e pau-brasil. O autor considera a nova terra entre as Províncias da América “a melhor pera a vida do homem (...) por ser commumente de bons ares e fertilíssima, e em gram maneira deleitosa e aprazível á vista humana” (Gândavo, 1576, p.6) e aponta a possibilidade de os portugueses enriquecerem na terra recém-descoberta.

Dividido em quatorze capítulos, o livro, além de descrever a geografia e a história natural do país, traz também informações referentes às diversas tribos indígenas, às povoações, e às diversas capitâneas em que se dividia o território brasileiro, como as de Itamaracá, Pernambuco, Bahia, Ilhéus, Porto Seguro, Espírito Santo, Rio de Janeiro e São Vicente. O autor comenta também sobre a flora e a fauna brasileiras, descrevendo as frutas, as plantas, especialmente a mandioca, assinalando a sua utilidade, e também uma série de animais que eram em grande parte desconhecidos dos europeus, como a anta, o tamanduá, o tatu, a preguiça, e uma série de aves, insetos e peixes exóticos. Na obra, Gândavo (1576, p.6) cita pela primeira vez o nome *Brasil* com referência à nova terra: “depois que o páo da tinta começou de vir a estes Reinos ao qual chamaram brasil por ser vermelho, e ter semelhança de brasa, e daqui ficou a terra com este nome de Brasil”.

Por ser portador da variante culta de seu tempo, Gândavo será tomado neste trabalho como um informante linguístico e lídimo representante do português culto escrito em terras brasileiras no século XVI.

A descrição e análise das ocorrências das formas verbais *ter* e *haver* em *História da Província de Santa Cruz* focalizam o aspecto sintático-semântico desses verbos. Observam-se as estruturas em que *ter* e *haver* atuam como verbos plenos, como verbos-suporte, como verbos auxiliares - integrando tempos compostos ou locuções verbais - e como verbos existenciais/funcionais.

Nas estruturas em que atuam como verbos plenos, analisa-se a natureza semântica dos complementos dos verbos a fim de verificar se os objetos de *ter* e *haver* denotam “propriedades materiais adquiríveis”, “propriedades imateriais adquiríveis” ou “propriedades inerentes ao sujeito ou qualidades intrínsecas ao possuidor”. Nas estruturas existenciais, observa-se se *ter* e *haver* atuam como verbos existenciais, temporais ou se denotam fenômenos naturais, como, também, se são seguidos por complementos locativos expressos por sintagmas adverbiais ou preposicionados. Nas estruturas em que atuam como verbos auxiliares, analisam-se os traços aspectuais que essas formas perifrásticas denotam. Os resultados

serão comparados com os obtidos por Mattos e Silva (1996) na obra *Carta de Pero Vaz de Caminha*, escrita no início do século XVI, na qual a autora analisa os usos de *ter* e *haver*.

Passemos agora ao levantamento dos dados.

3.2 Levantamento dos dados

O total geral de ocorrências com *ter* e *haver* em *História da Província de Santa Cruz* soma 409 casos. Deste total, houve 201 ocorrências com o verbo *ter* (49,1%) e 208 com o verbo *haver* (50,9%).

As estruturas com verbos plenos somam 174 ocorrências: o verbo *ter* aparece em 171 estruturas indicativas de posse, representando 98,3% das ocorrências, enquanto *haver* é selecionado para compor essas estruturas em apenas 3 casos, ou em 1,7%.

As construções com verbos-suporte somam 6 ocorrências, nas quais não se encontrou ocorrência alguma com o verbo *haver* preenchendo essas estruturas, enquanto *ter* preenche todos os casos (100,0%), já exercendo plenamente, portanto, essa função sintático-semântica na segunda metade do século XVI.

As construções com verbos auxiliares - tempos compostos e locuções verbais – somam 46 ocorrências

no total. *Ter* e *haver* formam compostos com o particípio passado em 32 estruturas, nas quais *ter* marca 22 ocorrências ou 68,8% dos casos, enquanto *haver* atua em 10 casos ou em 31,2% das ocorrências. As locuções verbais, estruturas com *ter/haver* + *de* + INF, somam 14 ocorrências, nas quais *ter* atua em apenas 1 construção e *haver* ocupa 13 estruturas ou 92,9% desses casos.

As estruturas existenciais ou funcionais somam 183 ocorrências no total; nestas, *ter* atua como existencial em apenas 1 caso e *haver* preenche essas estruturas em 99,5% dos casos ou em 182 construções.

Tabela 1: Distribuição dos dados nos campos sintático-semânticos que favorecem a atuação de *ter* e *haver*:

Século XVI

		Verbo <i>Ter</i>		Verbo <i>Haver</i>		Total
		Ocorrências	%	Ocorrências	%	
<i>Verbos plenos</i>		171	98,3	3	1,7	174
<i>Verbos-suporte</i>		6	100,0	0	0,0	6
<i>Verbos auxiliares</i>	tempos compostos	22	68,8	10	31,2	32
	locuções verbais	1	7,1	13	92,9	14
<i>Verbos existenciais/funcionais</i>		1	0,5	182	99,5	183
TOTAL		201	49,1	208	50,9	409

A tabela abaixo permite visualizar a distribuição dos dados nos campos sintático-semânticos que favorecem a atuação de *ter* e *haver*:

A análise e descrição das ocorrências de *ter* e *haver* em *História da Província de Santa Cruz* estão detalhadas na seção a seguir.

3.3 Análise e descrição dos dados

Verbos plenos

Nas construções indicativas de posse, conforme evidenciado na tabela abaixo, o verbo *ter* atua como verbo pleno em 171 ou em 98,3% do total de 174

ocorrências com essas estruturas. Nessas construções, *ter* tem dois argumentos nominais, como se pode ver nos exemplos abaixo, retirados do *corpus*:

- (1) Os mais dos moradores que por estas Capitánias estão espalhadas, ou quasi todos, *tem* suas terras de sesmaria dadas pelos Capitães e Governadores da terra. (p.11)
- (2) Hum certo animal se acha também nestas partes, a que chamam Preguiça (...) o qual *tem* hum rosto feio, e humas unhas mui compridas quasi como dedos. *Tem* huma gadelha grande no toitiço que lhe cobre o pescoço. (p.15)
- (3) Estes Indios sam de cor baça, e cabello corredio; *tem* o rosto amassado, e algumas feições delles á maneira de Chins. (...). Vivem todos mui descansados sem *terem* outros pensamentos senam de comer, beber, e matar gente. (p.22)

Quanto à natureza semântica do complemento do verbo nas estruturas possessivas, os dados revelaram que primeiramente *ter* é favorecido nos contextos em que os objetos possuídos denotam “propriedades inerentes”, como “ter asas/cabelo/cor/nós” etc., em 45,0% ou em 77 do total de 171 construções indicativas de posse. Nesses contextos, ilustrados em (4), (5) e (6), *ter* denota “possuir”, estabelecendo uma relação de posse de estados inerentes ao sujeito ou de qualidades intrínsecas ao possuidor:

- (4) Destes e doutros extremos semelhantes carece esta Província Santa Cruz porque com ser tam grande nam *tem* *Serras* (...) que com facilidade se não possam atravessar. (p.6)
- (5) Os [macacos] louros *tem um cabelo muito fino*, e na semelhança do vulto e feição do corpo quasi se querem parecer com leão. (p.16)
- (6) Também se acham outros do mesmo tamanho pelo sertão dentro a que chamam Aráras os quaes sam vermelhos semeados de algumas pennas amarellas, e *tem as azas aues*. (p.18).

Em segundo lugar, *ter* é favorecido nos contextos em que o complemento direto do verbo denota “propriedades imateriais adquiríveis”, como “ter trabalho/impedimento/rito/lei/esperança” etc., em 41,7% dos casos ou em 71 do total de 171 ocorrências com construções possessivas. Nessas estruturas, *ter* denota “possuir”, como se pode observar nos exemplos abaixo:

- (7) Porem pelo contrario [os Tapuias] *tem outro rito* muito mais feio e diabólico, contra a natureza, e digno de maior espanto. (p.30)
- (8) E desta maneira se *tem esperança*, mediante a divina graça, que pelo tempo adiante se vá edificando a Religião Christã por toda esta Província. (p.30)

(9) E porque os Padres vem a inconstancia que ha nelles, e a pouca capacidade que *tem* pera observarem *os mandamentos da Lei de Deos*. (p.30)

As estruturas de posse em que *ter* é acompanhado de um complemento direto denotando “propriedades materiais adquiríveis”, como “ter armas/povoações/fazendas/casas” etc., são os contextos que menos favorecem a atuação de *ter* nas construções possessivas. Esses casos ocorreram em apenas 23 estruturas ou em 13,3% do total de construções possessivas. Nesses contextos, o sentido denotado por *ter* aproxima-se de “possuir” ou “conseguir”:

(10) E isto assi por nam *terem armas defensivas* nem outros apercebimentos necessários pera se interterem nos cercos. (p.26)

(11) [Os índios] Vivem todos entre os matos como brutos animaes, sem *terem povoações*, nem *casas* em que se recolham. (p.29)

(12) [Os índios] os quaes como nam *tenham fazendas* que os detenham em suas pátrias, e seu intento nam sejam outro senam buscar sempre terras novas. (p.31)

O verbo *haver*, por outro lado, atua como verbo pleno em apenas três estruturas indicativas de posse, representando 1,7% do total de ocorrências com esse tipo de construção. Isto sugere que *haver*, no

século XVI, praticamente já perdera espaço para *ter* nesse campo sintático-semântico, em um processo já iniciado no português arcaico. Os exemplos a seguir mostram as três ocorrências com *haver*, nas quais o verbo atua com o sentido de “considerar”, “ter” e “conseguir”, respectivamente, tendo um sujeito nominal nos três casos:

(13) Daqui vinha aos Gregos e Romanos *haverem* todas as outras nações por bárbaras, e na verdade com razão lhes podião dar este nome, pois erão tam pouco solicitos. (p.5)

(14) [Os Aimorés] Alguns delles *houveram* já os Portuguezes ás mãos. (p.30)

(15) [Os moradores] os quaes vendo-lhes algumas ferramentas que elles levavam consigo perguntaram-lhes de quem as *haviam*, ou porque lhes vinham ter ás mãos. (p.31)

Nas três construções indicativas de posse ilustradas acima, a natureza semântica dos complementos diretos de *haver* denota, em (13), “propriedade imaterial adquirível”, como “todas as outras nações por barbaras” e, em (14) e (15), “propriedades materiais adquiríveis”, como “alguns delles ás mãos” e “as [ferramentas]”. Como já vimos, os contextos em que o verbo de posse vem seguido de complementos

diretos denotando “propriedades inerentes” já estão ocupados plenamente pelo verbo *ter*.

Observemos agora as construções em que *ter* atua como verbo-suporte.

Verbos-suporte

Nas estruturas em que atua como verbo-suporte, *ter* sofre um esvaziamento semântico e, junto com o seu complemento direto, compõe um “significado global, geralmente correspondente ao que tem um outro verbo da língua (Neves 2000, p. 53), como se vê nos exemplos a seguir:

- (16) E no logar que lhes pareceu della mais acomodado, surgirão aquella tarde, onde logo *tiverão vista* da gente da terra. (p.5)
- (17) Que ainda nellas excedem aos brutos animaes que nam *tem uso* de razam nem foram nascidos pera obrar clemência. (p.27)
- (18) E porque meu intento principal, nam foi tratar aqui senam daquelles Indios que sam geraes pela costa, com que os Portuguezes *tem comunicação*. (p.30)

Das 6 estruturas com verbo-suporte encontradas no texto analisado, *ter* preenche 100% dessas ocorrências, pois não se encontrou ocorrência alguma em que *haver* atuasse com essa função sintático-semântica. Isto

indica que no século XVI *haver* já perdera também esse campo de atuação para *ter* e que este último já consolidara a posição sintático-semântica de verbo-suporte na época em estudo.

Os três exemplos acima mostram claramente o esvaziamento semântico do verbo *ter* e sua atuação como mero verbo-suporte, pois os sintagmas “tiverão vista”, “tem uso” e “tem comunicação”, em (16), (17) e (18), respectivamente, indicam ou poderiam ser substituídos nessas construções pelos verbos nocionais “avistaram”, “usam” e “comunicam-se”, respectivamente.

A sub-seção a seguir trata das construções em que *ter* e *haver* atuam como verbos auxiliares.

Verbos auxiliares

Os verbos *ter* e *haver* atuam como auxiliares quando são seguidos do particípio passado ou do infinitivo de um verbo nocional. Nesses contextos, servem como meros suportes gramaticais da marcação de tempo, modo, aspecto, número e pessoa.

Estruturas com ter/haver + PP (tempos compostos)

Os verbos *ter* e *haver*, seguidos do particípio passado, formam tempos compostos que geralmente se referem

a um acontecimento ou situação que denota frequência, com aspecto iterativo ou frequentativo, ou a um evento acabado no passado, expressão do aspecto perfectivo, ou seja, variados matizes de duração do processo verbal estão contidos nos verbos auxiliares.

Ao formar tempos compostos, *ter* e *haver* têm o sentido esvaziado e passam a ter uma função relacional, cuja aceção própria se apaga ou se modifica por virem combinados com outro elemento anexo, ao qual transferem ou com o qual dividem o papel de predicação da oração (Said Ali, 2001).

Do total geral de 32 ocorrências encontradas nos textos com o tempo composto, *ter* atua em 22 construções, representando 68,8% desses casos. Este resultado revela a opção preferencial do autor pelo uso de *ter* em vez de *haver* para expressar os tempos compostos. Em (19) e (20), abaixo, vemos alguns dos contextos em que *ter* e *haver* + PART denotam o aspecto frequentativo (“tem realçado”, “hão sucedido”, respectivamente) e, em (21) e (22), alguns dos contextos em que *ter* e *haver* denotam o aspecto perfectivo (“tinham visto”, “havam offendido”, respectivamente):

(19) Esta he huma das melhores terras, e que *tem realçado* os moradores que todas as outras Capitánias desta Provincia. (p.8)

(20) Como pelos trophéos das grandes victorias e casos bem afortunados que lhe *hão sucedido* nessas partes do Oriente em que Deos o quis favorecer com tão larga mão. (p.4)

(21) De cuja semelhança nam ficarão pouco admirados, porque [a gente da terra] era diferente da de Guiné, e fora do comum parecer de toda outra que *tinham visto*. (p.5)

(22) E com elles entrou na mesma aldêa dos immigos, que o *havam offendido*, e deixando-os á parte, só, sem outra pessoa o seguir. (p.26)

O verbo *haver* aparece em 31,2% ou em 10 estruturas do total geral de ocorrências com o tempo composto. Outros exemplos com *haver* formando compostos estão a seguir:

(23) Mas como seus companheiros que elle *havia deixado* em guarda estavam prompts ao sahir da casa, mataram muitos delles. (p.26)

(24) E perguntando por elles acausa de sua vinda contaram-lhes o caso meudamente fazendo-os sabedores de tudo o que lhes *havia sucedido*. (p. 32)

O levantamento e análise dos dados revelaram que nas estruturas com tempo composto, a forma gramaticalizada, isto é, sem concordância do PP adjetivo de verbos transitivos com o seu complemento

direto, já estava praticamente consolidada no século XVI, pois das 32 ocorrências com *ter/haver* + PP, foram encontrados apenas 5 casos de concordância entre o PP adjetivo e o complemento. Alguns desses casos estão ilustrados abaixo:

- (25) E foi que *tendo* os Portuguezes *rendida* huma aldêa com favor dalguns Indios nossos amigos, que tinham de sua parte, chegaram a huma casa pera *fazerem* presa aos immigos, como já tinham feito em cada huma das outras. (p.27)
- (26) [Os índios] lançam-lhe ao pescoço huma corda de algodão, que pera isso *tem feita*, a qual he mui grossa. (p.28)
- (27) Porque na verdade sam elles taes, que nam se *haveriam* de todo ainda por *vingados* do pai se no inocente filho nam executassem esta crueldade. (p.29)

Observemos agora as locuções verbais com *ter* e *haver*.

Estruturas com ter/haver + de + INF (locuções verbais)

As construções com *ter* e *haver* seguidos do infinitivo de um verbo nocional formam locuções verbais nas quais *tere* e *haver*, além de servirem como suportes gramaticais da marcação de tempo, modo, número e pessoa, atuam

também como modalizadores. Nessas estruturas, que somam 14 ocorrências no total, *ter* aparece em apenas 1 caso e *haver* é a opção de preenchimento em 13 casos, ou em 92,9% das ocorrências. Esse resultado evidencia que *haver*, nesse campo sintático-semântico, ainda era a opção preferencial no século XVI.

As locuções verbais são empregadas para enunciar aspectos ou modos de ação, isto é, formam auxiliares modais que se combinam com o infinitivo ou o gerúndio do verbo principal para determinar com mais rigor o modo como se realiza ou se deixa de realizar a ação verbal. Observemos algumas dessas ocorrências:

- (28) Poderá nalguma maneira conhecer os desejos que *tenbo de pagar* com minha possibilidade alguma parte do muito que se deve a fama do vosso heroico nome. (p.4)

No exemplo acima, vemos que *ter*, seguido do infinitivo de um verbo nocional, tem função de modalizador, pois adiciona o sentido de obrigatoriedade ao verbo principal. Esse mesmo sentido é acrescentado por *haver* nesses mesmos contextos sintáticos:

- (29) E muitas vezes pode delles tanto a imaginaçam que se algum deseja a morte, ou alguém lhe mete em cabeça que *ha de morrer* tal dia ou tal noite nam passa daquelle termo que nam morra. (p.23)

(30) Porque nam tem Capitam que os governe, nem outros officaes de guerra a quem *hajam de obedecer* nos taes tempos. (p.26)

Passemos agora à descrição e análise de *ter* e *haver* nas construções existenciais.

Verbos existenciais/funcionais

Nos textos analisados, foram encontradas 183 estruturas em que *ter* e *haver* atuam como verbos existenciais ou funcionais e, portanto, não predicadores. Nessas construções, *ter* atua em apenas 1 caso, e *haver* é selecionado para compor essas construções em 182 casos, ou em 99,5% das ocorrências, revelando a opção preferencial do autor por *haver* para ocupar esse campo sintático-semântico.

No exemplo abaixo, retirado do texto, observa-se que *ter* atua como existencial, já que ocorre com sujeito nulo (Ø), seguido de um complemento direto:

(31) A causa de residirem nesta parte mais que nas outras, he por serem aqui as terras mais acomodadas a seu propósito, assi pelos grandes matos que *tem* onde sempre andam embuscados. (p.29)

O verbo *haver* existencial ou funcional ocorre em estruturas que não selecionam um sujeito – sujeito nulo, portanto - mas selecionam um sintagma nominal

interpretado como um complemento direto ou um complemento locativo expresso por um sintagma preposicional ou adverbial. Os exemplos abaixo mostram algumas das ocorrências de *haver* existencial seguido de seu complemento direto:

(32) A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente historia, e sair com ella a luz, foi por não *haver* até agora *pessoa* quea emprendesse, *havendo* já *setenta e tantos annos* que esta Província he descoberta. (p.4).

(33) Também *ha* muito *páo brasil* nestas Capitania de que os mesmos moradores alcançãõ grande proveito. (p.13)

(34) E os que escaparam foram dar em huma terra, onde *havia algumas povoações* mui grandes, e de muitos vizinhos, os quaes possuíam tanta riqueza que afirmaram *haver ruas* mui compridas entre elles. (p.31)

O exemplo (35), a seguir, ilustra uma das ocorrências de *haver* existencial seguido por um complemento locativo expresso por um sintagma preposicional adverbial, e (36) mostra uma das ocorrências de *haver* seguido por um complemento locativo expresso por um sintagma preposicional:

(35) A maneira de como [os moradores] se *hãõ em seu modo de viver*. (p.10)

(36) E assi as terras que *ha nesta Capitania*, tambem sam as melhores e mais aparelhadas para enriquecerem os moradores de todas quantas *ha nesta Província*. (p.10)

Dentre as 182 ocorrências com *haver* existencial, 2 casos apenas referem-se a contextos em que sobressai em *haver* a ideia de existência de certa duração de tempo ou certa localização no passado:

(37) A causa principal que me obrigou a lançar mão da presente historia, e sair com ella a luz, foi por não haver até agora pessoa quea emprendesse, *havendo* já *setenta e tantos annos* que esta Província he descoberta. (p.4).

(38) E *avendo* já *hum mez* que ião naquella volta navegando com vento prospero, forão dar na Costa desta Província. (p.5)

Considerações finais

O levantamento e análise dos dados revelaram que *ter* já tem sua posição de verbo-suporte consolidada no século XVI e se apresenta prestes a ocupar plenamente as estruturas possessivas, consolidando assim a sua posição de verbo indicativo de posse no

período em questão, uma tendência já iniciada no português arcaico. Como auxiliares, *ter* e *haver* estão em variação, entretanto, *ter* predomina na formação de compostos, inserindo traços aspectuais, enquanto *haver* predomina na formação de locuções verbais, atuando como modalizador. Nas estruturas existenciais, *haver* predomina majoritariamente nesses contextos, consolidando essa posição sintático-semântica no século em estudo.

Esses resultados aproximam-se dos apresentados por Mattos e Silva (1996) no estudo de a *Carta de Pero Vaz de Caminha*, documento escrito em 1º de maio de 1500 por Pero Vaz de Caminha, no qual a autora analisa os usos de *ter* e *haver* nas estruturas possessivas, existenciais e perifrásticas documentadas no texto e constata que *ter* é, por excelência, um verbo de posse, enquanto *haver* é, fundamentalmente, um verbo existencial. Os resultados diferem, entretanto, em relação às estruturas possessivas, pois enquanto os dados extraídos da *Carta de Caminha* revelam que *ter* e *haver* só estão em variação nas estruturas possessivas, em *História da Província de Santa Cruz*, *ter* e *haver* só estão em variação nas estruturas em que atuam como auxiliares.

Fonte

GÂNDAVO, Pero de Magalhães. Historia da prouincia Sãcta Cruz qui' vulgarm te chamam Brasil. Lisboa: Officina de Antonio Gonsaluez, 1576. Disponível em: <http://www.cce.ufsc.br/~ñupill/literatura/ganda2.html>. Acesso em: 14 set. 2010.

Referências

GONÇALVES, S. L.; LIMA-HERNANDES, M. C.; CASSEB-GALVÃO, V. *Introdução à gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GRIMSHAW, J. *Extended projections*. Brandeis University, 1991. Manuscrito.

ILARI, R. *Linguística românica*. São Paulo: Ática, 2007.

INSTITUTO CAMÕES. *Sintaxe histórica (estruturalista): estudos tradicionais em sintaxe histórica do português*. Lisboa, 2001. Manuscrito.

MATTOS E SILVA, R. V. A variação haver/ter. In: MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). *A carta de Caminha: testemunho linguístico de 1500*. Salvador: EDUFBA, 1996. p. 181-193.

_____. *O português arcaico: morfologia e sintaxe*. São Paulo: Contexto, 2001.

MATTOS E SILVA, R. V. Vitórias de ter sobre haver nos meados do século XVI: usos e teoria em João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 119-142.

MATTOS E SILVA, R. V. A variação ser/estar e haver/ter nas cartas de D. João III entre 1540 e 1553: comparação com os usos coetâneos de João de Barros. In: MATTOS E SILVA, R. V.; MACHADO FILHO, A. V. (Orgs.). *O português quinhentista: estudos linguísticos*. Salvador: EDUFBA, 2002. p. 143-160.

NEVES, M. H. de M.. *Gramática de usos do português*. São Paulo: UNESP, 2000.

RIBEIRO, I. A formação dos tempos compostos: a evolução histórica das formas *ter*, *haver* e *ser*. In: ROBERTS, I.; KATO, M. (Orgs.). *Português brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas: UNICAMP, 1996. p. 343-386.

SAID ALI, M. *Gramática histórica da língua portuguesa*. 8. ed. São Paulo: Companhia Melhoramentos, 2001.

SPINA, S. Segunda metade do século XVI e século XVII. In: SPINA, S. (Org.). *História da língua portuguesa*. Cotia: Ateliê Editorial, 2008.